

“Uma foto diária que possa me dizer algo sobre estar aqui”: a imagem como recurso técnico na escrita de *Parque das Ruínas* (2018), de Marília Garcia¹Mayara Freitas de Oliveira Queiroz²**RESUMO**

No ensaio *Pequena história da fotografia* (1994), Walter Benjamin nos conta sobre David Octavius Hill — um pintor que, já em 1843, utilizou a fotografia como recurso técnico para produzir um afresco sobre o primeiro sínodo geral da igreja escocesa, fazendo dos clichês de Daguerre guias para a sua pintura. Neste artigo, propomos refletir sobre a fotografia como ferramenta técnica para a escrita da poeta Marília Garcia, concentrando-nos especialmente no *Diário Sentimental da Pont Marie*, experimento fototextual incluído em *Parque das Ruínas* (2018). A partir do conceito benjaminiano de inconsciente ótico e da filosofia de Vilém Flusser sobre as imagens técnicas, objetivamos investigar as motivações, implicações e particularidades de se escrever a partir da fotografia.

PALAVRAS-CHAVE

Marília Garcia; fotografia; poesia contemporânea; inconsciente ótico; imagem técnica.

CORPO DO TEXTO

Este trabalho é uma síntese de um dos capítulos da minha dissertação, que analisa as relações de mutualidade entre palavra e imagem técnica (fotografia e cinema) na poesia de Marília Garcia — poeta, tradutora e artista brasileira com uma extensa produção nos interstícios do texto e da imagem. No capítulo em questão, aprofundamo-nos em uma das operações que Garcia realiza com imagens produzidas por aparelhos: o uso da fotografia como recurso técnico para a escrita de seus poemas, procedimento mais explícito em seu experimento *Diário Sentimental da Pont Marie*, projeto fototextual publicado em *Parque das Ruínas* (2018), impulsionado pela pergunta: “Como ver o lugar?”. Durante a escrita do diário, estruturado em versos, a poeta participava de uma residência artística em Paris e propôs a si mesma um desafio: escrever a partir de fotografias tiradas da Pont Marie, construção que atravessa o Rio Sena. Para isso, estabeleceu uma regra: todas as imagens deveriam ser capturadas no mesmo horário, sob o mesmo ângulo, em dias consecutivos.

¹ Trabalho apresentado no GP 20 – Fotografia do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 01 a 05 de setembro de 2025.

² Mestranda no programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Ceará, com orientação da professora Gabriela Reinaldo. E-mail: mayaradeoq@gmail.com

A fotografia é eleita por Garcia como método e ferramenta para explorar o habitar daquele espaço-tempo e os detalhes *infraordinários* da paisagem. Diante disso, questionamos: por que exatamente a fotografia? O que há de particular nessas imagens estáticas que justifica submeter o relato da experiência à mediação do olho do aparelho? Quais as implicações formais de escrever a partir dela? Nosso objetivo não é buscar uma explicação absoluta para as escolhas da poeta, mas realizar um exercício hermenêutico que conecte os universos visual e conceitual coexistentes em *Parque das Ruínas* (2018). Para isso, mobilizamos dois filósofos com ensaios fundamentais sobre fotografia: Vilém Flusser e Walter Benjamin.

Com Flusser (2007; 2010; 2011), entendemos que vivemos no período pós-histórico, sob o fascínio das imagens técnicas. Todos os nossos atos culminam nelas — tudo quer ser fotografado, filmado, existir no espaço-tempo do eterno retorno (a magia). Nesse contexto, escrever a partir da fotografia ou do cinema é, antes de tudo, uma manifestação do espírito de nosso tempo. Como consequência, o texto literário também se enreda nesse feitiço abstrato das imagens técnicas. Para Flusser, essa magia é tanto uma existência no eterno retorno quanto um poder de transcodificar conceitos em superfícies com fidelidade impressionante ao fenômeno codificado, a ponto de desestabilizar nossa distinção entre objeto e representação. A poesia de Marília Garcia explora essa magia como método, forma e conteúdo.

Com Benjamin (1994), de quem tomamos a ideia de *recurso técnico*, abordamos nossas questões a partir do conceito de *inconsciente ótico* — uma visão exclusiva ao olho da câmera, capaz de perceber, com auxílio de seus recursos, o que nos é imperceptível. Seria essa “aguda percepção” que motivou Garcia a escrever o *Diário Sentimental da Pont Marie* não a partir do que seus olhos viam diretamente, mas do que a fotografia revelava? Por este caminho, defendemos que confiar aos olhos da câmera a tarefa de ver reflete, no método da autora, uma consciência do *inconsciente ótico* das fotografias: um discernimento sobre a capacidade do aparelho de complementar nossa percepção dos fenômenos. Benjamin fala ainda sobre um impulso que o observador tem de buscar na fotografia “o lugar imperceptível em que o futuro se aninha ainda hoje” (1994, p. 94). Nesse sentido, “uma foto diária que possa me dizer algo sobre estar aqui”, verso que intitula esse resumo, pode ser pensada também como uma foto que pode nos dizer, em indícios, o que estará e o que acontecerá. Isto é, uma foto pode cifrar uma

mensagem sobre o porvir, que só decifraremos quando esse futuro for, para nós, um presente confesso. Escrever com a mediação de uma imagem é poder manipular a paisagem — ampliar, ver de muito perto, ver anos depois —, mas é também poder brincar com as temporalidades.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Pequena história da fotografia**. Obras Escolhidas, Vol I - Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. **A escrita**: Há futuro para a escrita?. São Paulo: Annablume, 2010.

GARCIA, Marília. **Parque das Ruínas**. São Paulo: Luna Parque, 2018.